

reportagem cultural



ACERVO IMHC-UCS/REPRODUÇÃO/JC

Além do pioneirismo em estúdio, os Irmãos Bertussi marcaram época por inovações como o uso de gaitas simultâneas

“Purungos Acoierados”

Mas essa história tem início bem antes do triunfante trajeto de sucesso percorrido pelos Irmãos Bertussi ao longo de sua carreira musical. Na verdade começa, atenta Gilney Bertussi, com o bisavô João Bertussi, o qual fez parte do grupo de imigrantes italianos que primeiramente ficaram pé na Serra Gaúcha no final do século XIX. A formação da família deu-se na localidade de São Jorge da Mulada, distrito de Criúva, em São Francisco de Paula, hoje pertencente a Caxias do Sul.

Já o filho de João, Fioravante Bertussi, um genuíno entusiasta da música, tornou-se clarinetista e regente de bandas em Criúva. E, aos seus descendentes, proporcionou estudo de teoria musical. Da união entre Fioravante e Juvelina vieram ao mundo quatro filhos: Walmor e Wilson e, contando dez anos de diferença, Honeyde e Adelar (nascidos respectivamente em 1923 e 1933).

Familiarmente, a saga musical dos Bertussi tem seu “marco poético” fundamental em uma situação romântica ocorrida em 10 de novembro de 1920. Neste dia, diz Gilney, o bisavô Fioravante compôs uma valsa, planejando fazer uma serenata com o fito de conquistar o coração de Juvelina. “A composição *Valsa para Juvelina* é o ponto de partida daquilo que se convencionou chamar de ‘Música Bertussi’”. A canção

surtiu o efeito desejado e duas décadas depois, em 1940, Fioravante Bertussi formou com seus quatro filhos o conjunto Dois Purungos Acoierados, de duração efêmera, para tocar em bailes e festas. A formação contava com Honeyde (violão e acordeon), Walmor (clarinete e bateria),

Wilson (clarinete e saxofone) e Adelar – que, ainda menino, tocava cavaquinho, gaita de botão e pandeiro, aperfeiçoando-se mais tarde no acordeon.

“Quando Wilson e Valmor deixam de participar do Dois

Purungos Acoierados, Honeyde e Adelar deram continuidade ao grupo, apresentando-se como dupla”, explica.

O nome Os Irmãos Bertussi só seria adotado artisticamente a partir de 1949. Nessa época, pontua Gilney, a dupla deu início ao pioneirismo pelo qual tornaram-se conhecidos e festejados como eméritos animadores de bailes. E a prodigiosidade da dupla, ele prossegue, não cessaria por aí. “Meu pai Adelar e meu tio Honeyde começaram a utilizar duas gaitas em suas apresentações, ao contrário do à época estabelecido formato gaita-violão”. Além de tudo, completa Gilney Bertussi, os dois inovaram introduzindo o ineditismo da bateria nos shows que realizavam. “Fora ainda que estiveram entre os primeiros a apresentar temas eruditos no acordeom para o mercado brasileiro”, afirma.

Os irmãos Honeyde e Adelar atuaram juntos em milhares de festas, bailes e shows Brasil afora até o ano de 1966. Sob a denominação de Os Irmãos Bertussi, a dupla de acordeonistas apresentou-se pela última vez como dupla de acordeonistas na simbólica noite de 21 de março daquele ano, durante o show de encerramento da tradicional Festa da Uva em Caxias do Sul.

Após a dissolução da dupla, Honeyde e Adelar Bertussi deram continuidade às suas sólidas carreiras artísticas, atuando em parceria com outros profissionais do acordeom. Honeyde inicialmente fez dupla com seu filho Daltro, gravando com ele três LPs. Depois tocou com músicos, dentre outros, como Paulo Siqueira, Acioly Machado e Oscar dos Reis (com quem gravou outros cinco álbuns). Além das parcerias, seguiu trabalhando intensamente em carreira solo até o final de sua vida.

Durante a década de 1970, Adelar criou o grupo Os Cobras do Teclado, tendo ao seu lado o também gaiteiro Itajaíba Mattana. A parceria entre os dois acordeonistas acabou rendendo uma série de discos, lançados nos mais diversos formatos. De atuação intensa, estima-se que Adelar tenha realizado mais de 6 mil apresentações entre bailes, shows e participações especiais no Brasil e no exterior ao longo de sua jornada profissional. Compositor prolífico, Adelar contabiliza mais de 400 canções gravadas, incluindo folclóricas e regionais do Rio Grande do Sul, além de músicas populares brasileiras, internacionais e clássicos da música erudita.

Os Irmãos Bertussi documentados

A vida e a obra dos Irmãos Bertussi podem ser melhor conhecidos em dois documentários:

Adelar Bertussi – O tropeiro da música gaúcha (2011), com direção de Lissandro Stallivieri. O filme promove um resgate da trajetória do integrante de Os Irmãos Bertussi, a partir da década de 1940. Durante quatro anos, uma equipe acompanhou os passos de Adelar – um homem campeiro, que, na época das filmagens, ainda percorria os campos a cavalo – em diversos locais, como por exemplo, em sua fazenda em São Jorge da Mulada, distrito de Criúva, interior de Caxias do Sul, passando pelo Rodeio de Vacaria e chegando em Nova York, nos Estados Unidos.

Gilney Bertussi: Filho de gaiteiro – O legítimo herdeiro da música Bertussi (2018), dirigido por Leonardo Vivan. Músicas e depoimentos para registrar a trajetória artística de Gilney Bertussi, filho de Adelar, que começou sua vida musical aos nove anos de idade. Também é o último registro em imagens de Adelar, falecido cinco meses depois, em 30 de setembro de 2017. No documentário, Adelar fala sobre o filho, canta e toca com ele. Trechos do filme foram gravados durante o Festchê III, em 2006, e também durante a Festa da Uva em 2 de março do mesmo ano, no qual o grupo Os Bertussi apresentou clássicos eternizados pela família de acordeonistas, canções de enorme popularidade (e até hoje muito presentes no imaginário) como, por exemplo, *Oh! De casa* e *O Cancioneiro das coxilhas*.

ACERVO FAMÍLIA BERTUSSI/REPRODUÇÃO/JC



Gilney Bertussi e Luciano Paim unem forças entre o punk e o gaudério